


**SENTIDOS E POTÊNCIAS DO CORPO FEMININO: EXPERIÊNCIAS
EDUCATIVAS E CULTURAIS COM MULHERES DE MAIS IDADE NA DANÇA
DO CARIMBÓ EM TUCURUÍ-PA**

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-343>

Data de submissão: 20/11/2024

Data de publicação: 20/12/2024

Lidiane Wanzeler Araújo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura pela Universidade Federal do
Pará (UFPA/PPGEDUC)

E-mail: lidianewanzeler@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2155-7863>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5827605433056477>

José Valdinei Albuquerque Miranda

Prof. Dr.

Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGEDUC/PGEDA), Pará, Brasil

E-mail: jvaldineimiranda@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1259-8655>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6745148327397484>

RESUMO

O presente artigo é parte da dissertação de mestrado e busca cartografar os sentidos e as potências do corpo de Mulheres de Mais Idade que vivenciam e praticam a dança do carimbó. São mulheres do carimbó que não “se entregam” às limitações da idade mais avançada, como também aos decalques (preconceitos, estigmas, estereótipos) produzidos e reforçados sobre seus corpos pela sociedade. A pesquisa busca construir um outro olhar sobre esse decalque, não reforçando a sua ideia, mas sim, com o objetivo de trazer uma nova perspectiva sobre esses corpos de mulheres que dançam. Essas mulheres do carimbó têm identidades próprias, são mulheres que dançam, são corpos em movimento que expressam seus desejos, alegrias, saberes e experiências de vida, pois fogem dos rótulos que já estão instituídos sobre elas. Então surge a seguinte pergunta de pesquisa: Que sentidos e potências a experiência com a dança do carimbó provoca no corpo e vida dessas mulheres? A metodologia é composta pelo acompanhamento das atividades com o carimbó, fotografias e entrevistas com as mulheres interlocutoras. Os resultados indicam que a experiência do encontro das mulheres com o carimbó faz com que elas revigorem suas energias e coloquem em funcionamento outra dinâmica, além de suas vidas serem ressignificadas. É a partir do encontro alegre entre as mulheres com a dança do carimbó que seus corpos são afetados de forma positiva produzindo novos sentidos e aumentando suas potências de agir.

Palavras-chave: Sentidos, Potências, Corpo, Mulheres de Mais Idade, Dança do Carimbó.

1 INTRODUÇÃO

Mulheres de todas as condições, todas as idades e todas as cores sempre souberam descortinar brechas, reinventar-se, apostar na criatividade para seguir em frente. Elas enfrentaram o patriarcalismo, acharam degraus para subir na vida, fizeram história. Tantas vezes apresentadas como vítimas de eventos dramáticos ou de um destino que as mergulhou em sofrimento, souberam vencer armadilhas diversas. Longe de se deixarem levar sem saber onde, nossas irmãs do passado foram protagonistas de seu tempo. (Del, Priori, 2020, p. 9)

O presente artigo apresenta a cartografia dos sentidos e potências do corpo de mulheres de mais idade que vivenciam e praticam a dança do carimbó no Ginásio Poliesportivo Esmaelino Pontes, localizado no município de Tucuruí-PÁ. Além de refletir acerca da relação que se estabelece entre a singularidade do corpo das mulheres, os sentidos produzidos a partir do encontro com o carimbó e com as outras mulheres, e as potências educativas que são desenvolvidas a partir da experiência com a dança do carimbó.

Por meio da expressão do corpo e dos relatos e narrativas das mulheres que dançam o carimbó, busca-se percorrer os sentidos e as potências educativas produzidos nessa experiência artístico-cultural que é o carimbó. O simples fato de saírem de suas casas para dançar o carimbó é algo significativo e inédito, porque elas não se limitam em se acomodar pela idade, dores, doenças e/ou pelo que as pessoas “dizem”: “ah, você já está velha”, “velha tem que ficar em casa deitada e tomando mingau”, “velha só assistir novela”, “velha não pode sair na rua só, é perigoso”, além de serem vistas como “coitadinhas”, esses ditos “cuidados” que mantem a normatização do lugar que elas devem ocupar na sociedade.

Entretanto, essas mulheres são protagonistas de suas histórias, cada uma possui experiências significativas, momentos de superação, principalmente pela idade a qual encontram-se não se entregam as dores físicas e emocionais, as rejeições e as críticas. Mas desbravam comportamentos de longevidade, de alegria, de afetos.

Com relação à atenção e aos cuidados, muitas idosas também ficam sujeitas ao abandono e ao descaso da família, o que pode resultar em sentimentos de solidão, de baixa autoestima, de “não ver mais sentido” em viver a vida. Para além da perspectiva de uma “identidade fixa” e da “limitação desse corpo”, esse artigo busca a possibilidade de se pensar esse corpo, especialmente os corpos das mulheres que dançam o carimbó, nas suas singularidades, nos sentidos e nas potências educativas construídas a partir da experiência do encontro com a dança do carimbó. A partir desses encontros com a dança e com o coletivo, essas mulheres ressignificam suas vidas dançando, é nesse encontro alegre que se sentem realizadas, completas, e que aprendem umas com as outras, que compartilham de vivências e conhecimentos.

Há muitos decalques (preconceitos, rótulos, estigmas, estereótipos) produzidos e reforçados sobre o corpo da mulher que dança, e que já se encontra nessa fase da vida “envelhecido”, no entanto,

a pesquisa buscou construir um outro olhar sobre esse decalque, não reforçando a sua ideia, mas sim, com o objetivo de trazer uma nova perspectiva sobre esses corpos de mulheres que dançam. Essas mulheres do carimbó têm identidades próprias, são mulheres que dançam, são corpos em movimento que expressam seus desejos, alegrias, saberes e experiências de vida, pois fogem dos rótulos que estão normatizados sobre elas pela sociedade.

2 METODOLOGIA

A perspectiva metodológica da pesquisa se compõe como uma cartografia que busca traçar um mapa da experiência com a dança do carimbó vivenciada pelas mulheres, percorrendo por conversas, por contatos de entrevistas, observações, registros fotográficos, acompanhamento dos encontros e intervenções. As potências do corpo e os sentidos que elas atribuem ao dançar o carimbó, são as linhas móveis que orientam a produção dessa cartografia. Então, vamos considerar algumas pistas do método da cartografia como processo teórico-metodológico, pois esta vem se constituindo atualmente como um caminho a ser traçado a partir da perspectiva e dos percursos abertos que este estudo realiza.

Assim, o território de pesquisa acontece em uma sala de aula no ginásio poliesportivo, a partir do encontro dessas mulheres com a dança do carimbó, busca-se traçar linhas dos sentidos e potências que elas atribuem para suas vidas ao dançar. Neste estudo destaca-se a relação do corpo com o gênero, com a dança, com a idade, com a cultura e com as práticas educativas. No decorrer dos tópicos abordados destacamos alguns trechos das narrativas das mulheres que foram entrevistadas.

Seguindo o método cartográfico, pretende-se realizar uma pesquisa intervenção no complexo do ginásio poliesportivo onde acontecem as aulas de dança do carimbó com esse grupo de mulheres. Então a participação e a intervenção fazem parte de todo o percurso da pesquisa, envolvendo uma dinâmica de acompanhamento, registro e análise dos acontecimentos vivenciados durante os encontros com as mulheres do carimbó.

Nesse sentido, o pesquisador-cartógrafo faz parte da pesquisa em curso, pois habita o seu território encontrando-se com os elementos da realidade estudada, acompanhando e intervindo nos processos em andamento (Moura; Oliveira, 2020).

O trabalho do cartógrafo inicia com o habitar do território, pois somente assim terá condições de mapear o território de pesquisa, traçando linhas e revelando nessas os movimentos, intensidades, conexões, entradas e saídas, possibilidades e potencialidades de acesso às mesmas. (Moura; Oliveira, 2020, p.148)

O pesquisador-cartógrafo deve estar aberto ao encontro com o outro para ter êxito em sua pesquisa. O estar aberto ao encontro pressupõe, pois, abertura a aprendizados, condição necessária ao

exercício da pesquisa cartográfica, sempre iniciada no meio de um processo, ou seja, em um território existencial.

Então, o pesquisador além de adentrar no ambiente pesquisado, ele precisa experimentar e tornar esse lugar pesquisado como seu (Moura; Oliveira, 2020). No respectivo estudo, a pesquisadora faz parte desse ambiente, atua como professora-pesquisadora acompanhando todo processo com a dança do carimbó, ela desenvolve sua prática docente, ensina e aprende com as mulheres, incentiva, participa das danças e até mesmo das confecções de materiais usados pelas mulheres envolvidas no projeto.

3 SINGULARIDADE DO CORPO DAS MULHERES DO CARIMBÓ

Um corpo cheio de vontades e desejos, que anseiam sempre mais por encontros com o grupo de carimbó. Um corpo que no passado foi reprimido e/ou que deixou de viver momentos em suas vidas, inclusive o de dançar, por motivos de submissão ao marido, a família e entre outros motivos. Seguindo esse raciocínio, a experiência de vida de uma narradora com o carimbó transita entre momentos alegres e tristes, quando a mesma destaca dizendo que lembra de *“muita coisa ruim”*, *“porque eu não podia ir pra festa”*. O elemento observado nessa parte pode estar relacionado a questões de gênero e ao patriarcado, pois a colaboradora narra a sua submissão ao marido, e que deixava de dançar por causa dessa situação.

(...) o patriarcado surgiu para institucionalizar os direitos dos homens de controlar e se apropriar dos serviços sexuais e reprodutivos das mulheres. O sistema de dominação patriarcal (...) foi firmemente estabelecido no século VI a.C., não apenas mudou toda a ordem social, mas também o modo de pensarmos. (Lerner, 2019, p. 15)

Infelizmente, ainda nos dias atuais, muitas mulheres creditam nas “verdades dos homens” e aceitam esses pensamentos patriarcais como valores naturalizados que regem a sociedade. Diante disso, é preciso pensar sobre como essas mulheres que dançam carimbó conseguiram romper as *linhas duras*¹ que procuram sempre manter a ordem e normatizar a sociedade. Elas não seguem essas normas que impõem, por exemplo, comportamentos padronizados em relação à sua idade e seu corpo.

Essas mulheres ressignificam as suas vidas dançando o carimbó, e encontraram dentro do grupo formas de vivenciar “outra vida”, pois construíram amizades, afetos, sororidade uma com as outras, estabelecendo assim laços afetivos, em que marcam de se reunir sempre que podem, seja para um café, bater papo, e de combinarem para dançar o carimbó em outros locais da cidade. É perceptível a forma

¹ Na visão filosófica deleuziana, linhas duras são linhas de controle e de enquadramento que procuram manter a ordem das coisas.

de tratamento entre elas, quando se chamam, de “meninas”. Então, pela faixa etária de idade elas não se veem ou tratam-se como “velhas”, mas pelas palavras de “meninas”, “colegas”, “amiga”. Esse espírito de sororidade que é compartilhado entre elas, é algo singular para a vida de cada uma. Elas aguardam ansiosamente os momentos de apresentações, combinam com detalhes tudo o que irão fazer e como vão se preparar para aquele dia.

A partir do encontro com a dança do carimbó, algumas relembram as memórias, de como dançavam na juventude, e isso revigora as suas vidas, o seu corpo. Há uma singularidade, um sentido nesses corpos, que não se limitam em dançar, que por mais que não seja com a intensidade e com a força que era na juventude, elas não veem barreiras com essa idade mais avançada, pelo contrário, conquistam gradativamente os seus espaços. Espaço esse que tem sido ocupado por elas dentro do Município de Tucuruí, em que sempre são convidadas a dançarem em eventos, festivais, congressos, seminários. Esses convites externos feitos para elas, deixam-nas felizes e cada vez mais entusiasmadas em querer viver esses momentos, em poder dançarem com um público de pessoas admirando-as. Em suas falas, comentam, como narra Doraci: *Vocês repararam que estamos ficando famosas, “as moças do carimbó*. Quando chegam em lugares da cidade são vistas e cumprimentadas como as moças do carimbó.

A dança do carimbó permitiu a esse grupo o sentimento de irmandade de uma com a outra e a idade não as impede de fazer os movimentos de giro, de rebolado, de rotação. Pelas suas narrativas quando estão dançando, soltam termos como: *aqui ninguém tem reumatismo, estamos vivendo a melhor idade*.

O grupo de mulheres que participam desse coletivo que dança o carimbó, são afetadas positivamente nesses encontros. É possível identificar isso em suas narrativas quando perguntadas sobre o que elas sentem quando vêm para o projeto e encontram o grupo de mulheres.

É uma sensação de felicidade, né? Se você não vir no dia que você não pode vir, você fica preocupado que ali parece que tá faltando alguma coisa. No dia que a gente não vem. Que é só duas vezes na semana, né? Aí a gente encontra as professoras, os colegas, a gente conversa, se diverte. Se você estiver em casa, você fica só pensando nos problemas. E se você vem de lá pra cá, se você vem e sai da porta de casa pra cá, já é outra vida. (Maria Aparecida Alves e Silva, aluna do grupo de carimbó)

Na narrativa da participante do grupo identificamos a possibilidade de viver “outra vida” nesses encontros com as mulheres do carimbó. Percebe-se nessa narrativa a importância desses encontros e o sentimento de afeto estabelecido entre elas, como relata dona Maria Aparecida que *“quando não vai, sente que falta algo”*. Ela também quis frisar em sua fala a importância de *“não faltar, já que é apenas dois dias da semana”*.

A singularidade desse corpo que dança pode ser notada nos diversos registros durante o desenvolvimento da pesquisa. Esse sentir as emoções, o transmitir vontades, o decidir sobre o que quer fazer e o explorar as potencialidades com vigor são algumas das mensagens que elas emitem por meio dos movimentos corporais, que segundo Brasil (1999), o corpo está repleto de significados, sendo ele responsável pela integração do indivíduo na sociedade.

Cada sujeito tem uma leitura singular daquilo que experiencia e a forma de transmitir isso também pode ser através do seu movimento, através da arte de dançar e assim conseguir transmitir pelas linhas de seu corpo, as suas emoções, os seus medos, as suas inquietudes, e suas manifestações de alegria. A singularidade está também relacionada à história de vida de cada mulher que dança, de como foi seu primeiro contato com a dança, como conheceu a dança, há quanto tempo dança, se gosta de dançar o carimbó e o que sente. Em concordância com isso, em entrevista uma das participantes relata exatamente isso:

“Dançava nos salões, assim que começou a surgir esse negócio de carimbo, aí que eu ia pra festa, chegava lá e começava a tocar, eu podia tá sentada, mas na hora que tocava o carimbó eu levantava pra dançar, gosto, gosto muito de dançar o carimbo.” (Lourdes Alves da Silva, aluna do grupo de carimbó).

A mesma atribui sentido ao dançar o carimbó, é nítido na forma como ela falava toda empolgada na entrevista, o tanto que gostar de dançar, e que não abre mão de dançar, seja em qualquer lugar. Quando perguntada se pela idade, ela ficava impossibilitada de não dançar? A mesma responde: *Não, eu não fico e quanto mais eu tô dançando, mais me dá vontade. E quanto mais gente me olha, mais eu gosto.* É perceptível em sua fala, o quanto ela não coloca barreiras e sente-se mais realizada em poder dançar o carimbó com essa idade.

O elemento educativo notado nessa fala é o do empoderamento feminino, quando ela diz que gosta quando as pessoas estão olhando quando ela dança, ao falar isso a mesma demonstra a sua força e a consciência do seu potencial.

4 SENTIDOS E POTÊNCIAS DO CORPO QUE DANÇA

O que pode um corpo na sua relação com a dança do carimbó? O encontro de mulheres no coletivo com a dança do carimbó aumenta a potência do corpo? Que potências educativas e culturais o encontro e a vivência com a música e prática da dança do carimbó produzem nos corpos das mulheres de mais idade? O que é essa potência:

Espinosa trabalha as forças como potência: o poder de existir é uma potência (DELEUZE, 1968). Para discutir a partir da perspectiva de potência, propõe o corpo como um novo modelo, criticando o tradicional foco sobre a consciência. Denuncia que não sabemos o que pode um

corpo (DELEUZE, 2002 [1981]). Propõe pensar o corpo não como substância, mas como modo, pela sua cinética e dinâmica, com suas relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão (longitude). O corpo afeta e é afetado por outros corpos (latitude), tem um poder de afetar e um poder de ser afetado. Neste processo, há afecções ativas e afecções passivas, uma potência de agir e uma potência de sofrer (DELEUZE, 1968, p. 110).

Os corpos se constroem nas suas múltiplas relações, e a potência é aumentada ou diminuída a depender do modo como um corpo é afetado nos encontros e nos agenciamentos. Um corpo vai se desenvolvendo, se desdobrando, e se conectando, criando sempre algo e desbravando novos territórios. As mulheres do carimbó desconstruíram e resignificaram ideias e posturas, em que permitiu o corpo está sempre aberto a infinitas conexões, sendo elas conexões artísticas, políticas, culturais e sociais. No encontro com o carimbó produzem as linhas de fugas de suas vidas cotidianas. É nessas linhas que o novo é criado, e que há a ruptura que permite a experimentação do novo, daquilo que está conectado no acontecimento do encontro com a dança do carimbó.

Spinoza acredita que a melhor maneira de potencializarmos é através do coletivo, ele aponta para o coletivo como uma possibilidade de que dois homens juntos são duas vezes mais potentes. Essa realidade das mulheres que dançam o carimbó vai se construindo, pois gradativamente conquistam seu empoderamento e o reconhecimento da sua autonomia, ao contrário, do que o sistema estratificado já tinha pré-determinado, gerando assim um outro fluxo de relações em outro sentido e dando destaque a algo que não estava em destaque.

Segundo Deleuze (2002, p. 25), “a consciência forma ideias inadequadas sobre o corpo. “Cada corpo é composto por relações entre outros tantos corpos, isto é, cada corpo é definido em função de relações de composição estabelecidas entre uma multidão de corpos”.

O corpo é necessariamente a força dos encontros com outros corpos que compõem ou decompõem sua estrutura. Estrutura na concepção de Claudio Ulpiano, “é um elemento constituído por partes, ou seja, quando você tem alguma coisa que é uma estrutura, significa que aquilo tem partes e cada parte tem uma função” e que todas as “estruturas fazem e se desfazem”. (Santos, Ribeiro, 2020, p. 201)

O grupo de mulheres que dançam o carimbó no ginásio poliesportivo são afetadas de diversas formas, em que através do encontro com a dança, com a música, com o coletivo de mulheres acontece o encontro alegre que consequentemente dão sentido a esses momentos. Os elementos desse encontro ao final produzem afetações, que potencializam a dinâmica de vida dessas mulheres. O aumento de potência desses corpos, acontece a partir do momento que elas sentem alegria ao ir as aulas para dançar, quando fazem rodas de conversas, quando compartilham suas experiências de vida, quando relatam o que o grupo de dança agregou para sua vida de ensinamentos e aprendizados, e pela alegria e felicidade de se reunirem para dançar.

As mulheres do carimbó são incentivadas a participar de todas as atividades e a buscar novos aprendizados. Essa mudança de perspectiva fortalece os laços e o reconhecimento da sua liberdade e autonomia. Elas assumem novos desafios, buscando novas formas de expressão artística com a dança, mantendo-as ativas em suas comunidades. Esse momento da vida é visto como uma fase em que se pode explorar novas oportunidades e realizar projetos pessoais adiados. Para Espinosa, trata-se de entender um corpo ou alguém não no que ele é em sua essência mais sim no que ele é capaz de realizar em sua potência.

A participação de cada mulher nesse grupo desperta o sentimento e desejo de autonomia, de liberdade, de alegria e a sensação intensa de querer viver cada vez mais aquele momento. Além de ajudá-las em alguns casos, como o da depressão, que é uma doença que vem acometendo muitas pessoas atualmente, e principalmente os “idosos” que são rejeitados e/ou abandonados pela família.

No decorrer da pesquisa de campo, pude perceber na narrativa de uma aluna/participante que ela sofria de depressão, entretanto hoje ela não sofre mais com essa doença, pois hoje ela sente-se super bem e acolhida no grupo de mulheres. É perceptível no trecho da narrativa de Aldecy Alves: *Vou pra lá que é melhor. Lá eu vou ver as meninas, e aí depois que começa a aula, começa a dançar, a gente esquece de tudo. É bom.*

Identificamos a importância do convívio social e o nível de ajuda que ela recebeu do grupo de mulheres que dançam o carimbó. É possível verificar que a perspectiva de vida mais alegre, de reconhecimento, de afeto recebido entre elas que constitui o coletivo pode ser compartilhada em grupos de atividades físicas, como por exemplo a dança. Assim como asseguram os autores Silva, Martins e Mendes (2012), as atividades em grupo, possibilitam que as pessoas da mesma faixa etária convivam umas com as outras, gerando assim perspectivas de vida mais alegre.

Esses sentimentos de alegria e satisfação podem ser notados em suas falas, no decorrer das aulas, em que pude perceber e ouvir nos relatos, a alegria proporcionada pelo encontro com a dança do carimbó. Como podemos observar a seguir, na fala de dona Josélia ao ser perguntada: *you já gostava de dançar o carimbó?*

Deixa eu te dizer quando a gente tá dançando o carimbó a gente se sente assim, leve, alegre é isso que eu sinto, não tem negócio de tristeza, não, me sinto bem, muito, muito bem (Josélia Vasconcelos, aluna do grupo de carimbó).

O grupo de mulheres que participam desse coletivo que dança o carimbó, são afetadas positivamente nesses encontros. É possível identificar isso em suas narrativas quando perguntadas sobre o que elas sentem quando vêm para o projeto e encontram o grupo de mulheres.

Felicidade, alegria, começa de manhã cedinho, quando começo a chegar na hidroginástica, aí agora eu chego, tomo banho, janto, relaxo, aí eu vou assistir televisão, vou dormir cansada, e satisfeita pelo dia produtivo, eu gosto porque eu moro sozinha, né, aí eu venho pra cá e converso com as colegas, eu gosto de encontrar com as minhas colegas. (Evanilde Maria da Conceição Santos, aluna do grupo de carimbó)

Retornando ao pensamento de Deleuze e Guattari (1995), percebemos a importância dos encontros, o que eles podem significar e o que podem potencializar nos corpos dessas mulheres. Pois, a reunião de mulheres para dançar o carimbó possibilita não só encontros alegres, mas também experiências outras que possibilitam movimentar seus corpos e pensamentos e mesmo modificar a sua realidade. O projeto da dança do carimbó buscar potencializar esse corpo que dança combatendo o preconceito, colocando essas mulheres em outros ambientes para dançar, assim rompendo com as linhas duras que estão instituídas pela sociedade.

Segundo Strappazon e Maheirie (2016) consideram que na perspectiva de Deleuze (2008), tudo o que existe está relacionado ao seu grau de potência, como também Espinosa assegura que além da potência, mas a ação e a forma de ser afetado de que algo é capaz. Então, o sujeito é o que é através das relações que estabelecem uns com outros, e com o ambiente em que está inserido, essa relação que é estabelecida através dos encontros produz um grau de potência que pode variar, ou seja, aumentar ou diminuir, o que resulta assim em efeitos positivos e/ou negativos nos corpos

Os corpos se constroem nas suas múltiplas relações, e a potência é aumentada ou diminuída a depender do modo como um corpo é afetado nos encontros e nos agenciamentos. Um corpo vai se desenvolvendo, se desdobrando, e se conectando, criando sempre algo e desbravando novos territórios. As mulheres do carimbó desconstruíram e ressignificaram ideias e posturas, em que permitiu o corpo está sempre aberto a infinitas conexões, sendo elas conexões artísticas, políticas, culturais e sociais. No encontro com o carimbó produzem as linhas de fugas de suas vidas cotidianas. É nessas linhas que o novo é criado, e que há a ruptura que permite a experimentação do novo, daquilo que está conectado no acontecimento do encontro com a dança do carimbó.

Essa realidade das mulheres que dançam o carimbó vai se construindo, pois gradativamente conquistam seu empoderamento e o reconhecimento da sua autonomia, ao contrário, do que o sistema estratificado já tinha pré-determinado, gerando assim um outro fluxo de relações em outro sentido e dando destaque a algo que não estava em destaque.

Em Deleuze (2002), o corpo afeta outros corpos e por eles é afetado, sendo que os corpos se definem pelas afecções de que são capazes.

As mulheres do carimbó são incentivadas a participar de todas as atividades e a buscar novos aprendizados. Essa mudança de perspectiva fortalece os laços e o reconhecimento da sua liberdade e

autonomia. Elas assumem novos desafios, buscando novas formas de expressão artística com a dança, mantendo-as ativas em suas comunidades. Esse momento da vida é visto como uma fase em que se pode explorar novas oportunidades e realizar projetos pessoais adiados. Para Espinosa, trata-se de entender um corpo ou alguém não no que ele é em sua essência mais sim no que ele é capaz de realizar em sua potência.

5 RESULTADOS

Os resultados foram obtidos a partir de conversas, registros fotográficos e entrevistas com as participantes e suas narrativas foram transcritas na íntegra e analisadas com auxílio do referencial teórico-metodológico cartográfico construído e utilizado na pesquisa. Foi traçado uma cartografia de suas falas, de suas imagens em diversos momentos em que dançavam o carimbó. São mulheres de diferentes idades com características bastante heterogêneas, com diferenças sociais, raciais e religiosas que se reinventaram e viram na cultura e na dança do carimbó uma forma de construir uma sociabilidade alegre, afetiva em que seus corpos e seus saberes são aceitos e valorizados sem rótulos e discriminação.

As mulheres interlocutoras participantes da pesquisa formam um grupo heterogêneo e residem em diferentes bairros da cidade de Tucuruí/PA. A seguir apresentaremos essas mulheres “carimbozeiras”² e os sentidos que elas atribuem à dança do carimbó. Suas falas expressam o encontro alegre, as sensações, as singularidades, as experiências e a importância da cultura paraense e da dança do carimbó promovida pelo projeto “Mulheres do Carimbó” desenvolvido desde o ano de 2017 até a atualidade.

² Neologismo utilizado para designar as mulheres que dançam Carimbó.

LOURDES ALVES DA SILVA, 72 anos.



Fonte: Daniel Leão – Arte7criações (2023)

A “carimbozeira” Lourdes é uma mulher muito alegre e carismática, para ela não tem tempo ruim, a mesma não perde uma apresentação de dança, além de dançar com o seu grupo de mulheres do carimbó, dança também no CRAS/GETAT do seu bairro, e em outros locais quando convidada. Ela faz questão de costurar suas saias, e procura sempre inovar com modelos de estampas diferentes, relata que quando está costurando, já fica com o pensamento que já vai dança. É perceptível com essa fala que a mesma se sente realizada ao pensar em costurar sua saia e de viver aquele momento. O seu esposo acompanha nas aulas, dando total apoio na sua participação no grupo, e sempre está por perto a admirando, batendo suas fotos e incentivando-a.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar: *Eu fico mais jovem, eu me sinto mais alegre e parece que eu tenho mais saúde porque eu me reboło tanto para a idade que eu tenho e não sinto dor em lugar nenhum.*

MARIA DE LURDES GOMES DAS NEVES, 69 anos.



Fonte: Daniel Leão – Arte7criações (2023)

A “carimbozeira” Maria de Lourdes é uma mulher muito forte, pois além de dançar, a mesma ainda trabalha, cuida da família e estuda, após a aula de dança, ela vai direto para a escola. Ela faz de tudo para não perde as aulas, e quando não consegue ir, sempre está avisando. A mesma ama costurar suas saias e faz sempre modelos diferentes, a cada apresentação em um evento ela vai com uma saia diferente. Ela narra que: *eu me acho linda naquela roupa, eu me acho muito feliz, ali pra mim eu tô chamando atenção, todo mundo tá me olhando com outro olhar, e é assim que eu penso*. É possível perceber que na feitura da saia o corpo já entra em um processo de devir dança do carimbó e afirmação do corpo feminino e da beleza da mulher. Ela também dança o carimbó com outro grupo na cidade. Ela relata que sempre lembra sempre da sua juventude quando está dançando e que se sente outra pessoa naquele momento nem lembra que está na velhice, que se sente solta.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar: *Não tem limitação com relação ao meu corpo. Eu me sinto muito bem, outra pessoa, mais nova. Naquele momento não lembro se tô velha não. Amo dançar.*

JOSÉLIA VASCONCELOS SILVA, 69 anos.



Fonte: Caetano Marques Fotografias (2024).

A “carimbozeira” Josélia é uma mulher muito tranquila e muito participativa nas aulas, ela sai um pouco antes do término da aula, pois precisa pegar o ônibus. Ela mora sozinha, mas não demonstra tristeza, pelo contrário, enfatizou na entrevista o quanto é bom dançar junto com outras mulheres, diz quem *em grupo é muito melhor, e diz que se sente bem, quando a gente tá dançando o carimbó a gente*

se sente assim, leve, alegre é isso que eu sinto, não tem negócio de tristeza, não, me sinto bem, muito, muito bem. Ela sempre está envolvida também com os eventos de dança e festividade da comunidade do seu bairro. Além de participar também de outros grupos de convivência como no Vivacidade, que é um projeto de atividade física para idosos.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar: *Eu sinto assim alegria, fico bem, me sinto bem, sabe. É muito bom. (...) Eu vim pra cá pro Poli desde o ano passado eu me senti muito... como eu posso te dizer... eu me senti bem.*”

MARIA DE FÁTIMA COSTA, 65 anos.



Fonte: Caetano Marques Fotografias (2024).

A palavra que define a “carimbozeira” Maria de Fátima é superação, pois apesar de ela ter vários problemas de saúde, principalmente o de coração grande, isso não há impede de participar das aulas. Ela inclusive vai a aula alguma vezes caminhado. Ela dança dentro do seu limite, quando cansa, logo para e senta, mas sempre alegre e sorrindo. É uma mulher muito amada em seu bairro, reúne-se sempre com os vizinhos para festejar aniversários, confraternizações. Ela também participa em um grupo de Dança do carimbó na vila permanente, em que fazem apresentações na cidade. Ela é uma mulher muito alegre, conselheira, e incentiva sempre as outras para dançar. Ela relata que sempre quando está dançando vem o pensamento daquele passado e a sensação de estar vivendo ele novamente, a sua juventude. Além de deixar claro, que não existe dizer *eu sou velha, e eu não posso, a gente pode*”.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar: *“Aí eu sinto assim uma sensação, uma emoção muito grande, muita felicidade dentro da gente. Aquele momento ali daquela dança que fica assim entrando na nossa mente é muito gostoso. (...)Naquele momento ali não tem como dizer: ‘eu sou velha’, ‘eu não posso’. A gente pode!”*

AURICELINA PEREIRA CASTRO, 69 anos



Fonte: Caetano Marques Fotografias (2024).

É a “carimbozeira” mais extrovertida e engraçada, que fica o tempo todo chamando o grupo para dançar, sempre sorrindo e soltando piadas engraçadas, ela adora costurar, inclusive as saias das outras do grupo. Falou em se apresentar, estando ou não com dor nos joelhos, ela vai. Percebe-se que apesar de algumas limitações, isso não a impede de participar, e ainda leva sua filha e dançar e neta para dançar juntas. Ela Ama está ao lado das outras, sempre conversando, brincando, fazendo brincadeiras, dando conselhos. Ela diz que tem que dias que *sai de casa pra baixo*, mas quando vem dançar e se reúne com as outras, ela *volta alegre*.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar:

u de casa pra baixo

“É aquela coisa assim forte mesmo. Só de dançar, sinto alegria, felicidade, me sinto mais jovem. A minha menina mesmo diz: ‘Mãe, eu tiro o chapéu pra senhora, que eu não tenho o pique que a senhora tem não’. Eu sinto assim meu corpo leve, leve...”

DORIAN DA COSTA SILVA, 55 anos.



Fonte: Caetano Marques Fotografias (2024).

A “carimbozeira” Dorian é muito divertida e quando ela falta, as outras sentem falta, e logo colocam no grupo perguntando o porquê não foi. Ela se diverte bastante, apesar de ter uma religião, ela está sempre empolgada em participar, e não se limita em não participar pelo fato da sua

religiosidade. Ela está sempre sorrindo e alegrando as outras. Seu esposo acompanha nas aulas, espera até a hora de acabar. E em todas as apresentações faz de tudo para não perder, sempre vai bem maquiada e com seus adereços e joias. Ela é uma das que mais incentivam o grupo. Ela mora no bairro bem distante do ginásio, mas isso não a impede de ir as aulas, é uma mulher que sempre demonstra alegre e disposição.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar: *“Não, não sinto nada de dores. Quando estou dançando nem me cansar, me canso, porque naquele momento ali o tanto que tô feliz, é só felicidade. Quando movimento meu corpo naquele momento me sinto livre, solta.”*

FRANCISCA DAS CHAGAS SILVA MOTA, 67 anos.



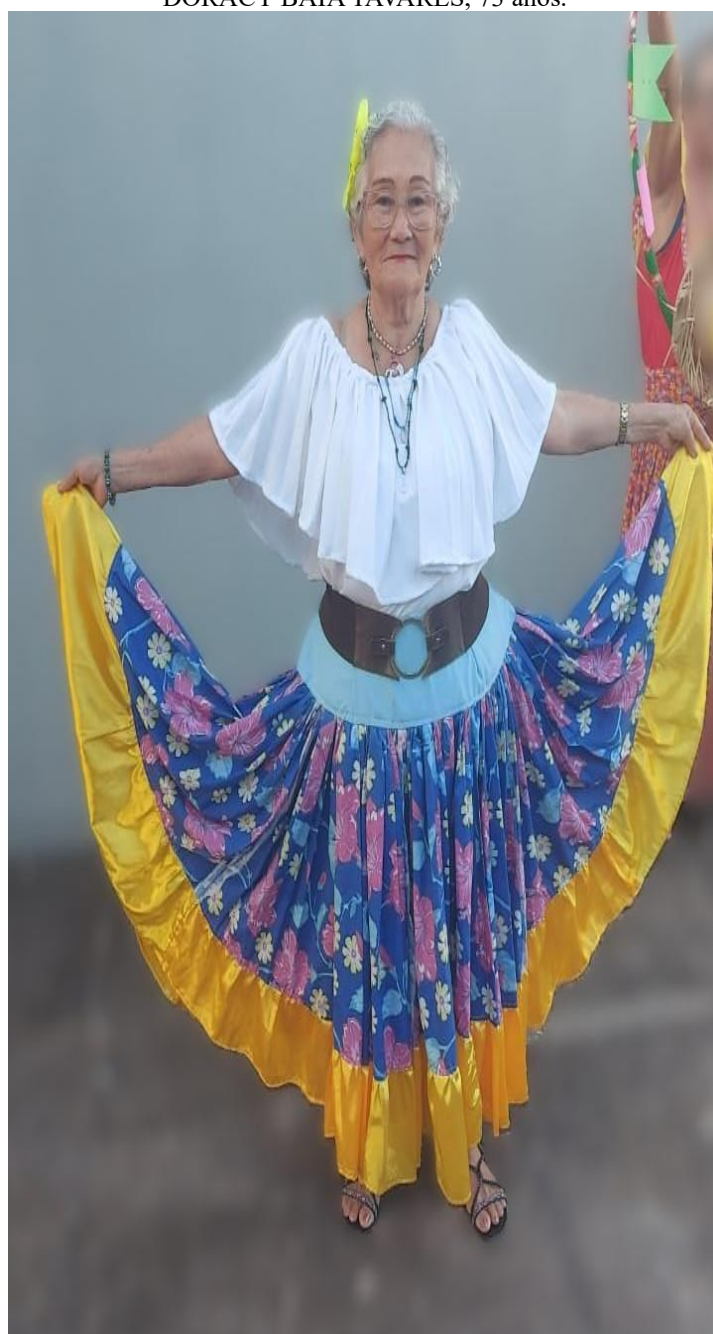
Fonte: Caetano Marques Fotografias (2024).

A “carimbozeira” mais conhecida e chamada por Fran Mota, é uma das que mais movimenta o grupo, que alegra as meninas, que traz muitos convites externos para dançar em vários lugares do município. Ela está sempre disposta a participar, é bem ativa no grupo, gosta muito de soltar gargalhadas, de brincar, de rebolar, de chamar a atenção. Ela está sempre bem humorada, sempre

convidando as outras para sair para dançar e se divertir. Uma mulher guerreira, que tem uma vendinha na feira municipal, e com muitas amizades, por onde passa e cumprimentando o povo. É muito participativa nos eventos do município. Ela sempre está convidando e incentivando outras mulheres a participar do grupo. Ela já teve depressão profunda, mas relata que é algo superado, e que hoje ela é uma outra mulher, e feliz.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar: *“Ser feliz é a cura, pode procurar um lugar que lhe faça feliz e aqui eu me sinto feliz”*.

DORACY BAIA TAVARES, 73 anos.



Autoria da pesquisadora (2024)

A “carimbozeira” mais conhecida como Dora, é a que mais se destaca no grupo, a mesma dança o carimbó em diversas apresentações no Município. Algumas vezes dança até sozinha o carimbó em apresentações no CRAS dos bairros, nas festividades de santos e juninas e em aniversários. Ela é sempre convidada para dançar e dá entrevistas nos meios de comunicação do Município. Ela é sempre bem animada e divertida, incentiva bastante as outras mulheres do grupo, sempre usando termos como “*vamos lá meninas*”, “*vamos nos animar*”, “*bora meninas, vamos passar o sebo de carneiro e ir dançar*”, “*vamos mostrar nossa força*”, “*nós não temos que parar, temos que movimentar nosso corpo e mostrar quem nós somos pro Brasil todo*”. Todos esses termos remetem ao empoderamento dessa mulher que mesmo nessa idade, mostra sua força e suas vontades, e o quanto ela deseja e gosta de se prestigiada em público dançando. Ela é sempre elogiada pela comunidade, e sempre deixa claro para todos que ama dançar e se apresentar. A sua expressividade e a alegria sempre são destaques nas suas apresentações.

Trecho de sua narrativa, atribuindo a sensação ao dançar: “*Eu sinto assim, renovada, feliz, assim, a gente não sente dor em canto nenhum*”.

6 CONCLUSÃO

Apresentamos aqui alguns aspectos que merecem destaque como resultado desta pesquisa. Os destaques dizem respeito a discussão referente a potência do corpo, o sentido e o encontro com o carimbó. Na experiência com a dança identificamos que a potência do corpo é ampliada no momento do encontro com o carimbó das mulheres que dançam no local, isso faz com as mulheres revigorem suas energias e entrem em uma outra dinâmica com seus corpos.

Outro elemento identificado é que as suas vidas são ressignificadas no encontro com a dança do carimbó. Nessa experiência as mulheres produzem novos sentido aos acontecimentos de suas vidas. Pude perceber que em alguns momentos da vida muitas mulheres não puderam fazer o que queriam, ou deixaram de fazer por outros motivos, e hoje algumas conseguem fazer o que gostam, como por exemplo, dançar, sem se preocupar com os seus afazeres, as cobranças e os controles sobre seu corpo.

Ademais, isso nos leva a questionar como essas mulheres estão sendo percebidas e valorizadas na sociedade, os padrões de normatização continuam a regular os seus corpos, ou elas, já romperam com isso, e não se importam, como por exemplo, de sair para dançar em outros lugares, de rebolar e/ou sensualizar no momento que estão dançando. Esses e outros elementos apareceu no decorrer da pesquisa e assim surgindo outras inquietudes que instigam a professora-pesquisadora a realizar mais perguntas e escutas atentas às vidas das mulheres do carimbó.

É urgente um esforço coletivo para combater o preconceito e garantir que as mulheres de mais idades tenham uma participação plena na sociedade, além do acesso a serviços que possibilitem a garantia de direitos e a participação de cada uma delas no convívio social. São questões que demandam uma atenção contínua e garantir que as mulheres tenham participação em todos os espaços da sociedade. A experiência, a atividade, a autonomia e a participação social devem ser gradativamente mais valorizadas. No entanto, ainda há desafios a serem superados para garantir que todas as mulheres tenham oportunidades justas e acesso a serviços adequados.

É fundamental que continuemos a promover o diálogo por meio de encontros alegres dessas mulheres que dançam o carimbó em grupos. A experiência com a dança proporciona um convívio festivo, uma sociabilidade alegre, um envelhecimento ativo e saudável. Nas suas alianças com a dança do carimbó essas mulheres nos ensinam a construir uma sociedade “sem rótulos” que valorize e respeite a singularidade e os saberes de suas experiências de vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio. Brasília, 1999.

DEL PRIORI, Mary. Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil (1500-2000). São Paulo: Planeta, 2020.

Deleuze, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo, 2002

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix, Mil Platôs 1. 1995

LERNER, Gerda. A criação da consciência feminista. São Paulo: Cultrix, 2022.

MOURA, Francisca de Jesus Cardoso; OLIVEIRA, Luizir de. A cartografia como método de pesquisa filosófica: o filósofo-cartógrafo mapeando territórios, acompanhado processos e criando procedimentos de pesquisa. Revista Lampejo, vol. 9, n.1. p. 142-162. 1º semestre de 2020.

SANTOS, Valdeci Ribeiro dos; RIBEIRO, Wallace Cabral. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. Revista Kínesis, Vol. XII, nº 33, dezembro 2020, p.198-212

SILVA, Fabio Junior; MARTINS, Lenisse; MENDES, Catia. Benefícios da dança na terceira idade. Ruão. 2012.

STRAPPAZZON, André Luiz; MAHEIRIE, Katia. “Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 68 (2): 114-127, 2016